

AmM/F.85
Raro

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARÁ

ASPECTOS ANTROPO-SOCIAIS
DA
ALIMENTAÇÃO NA AMAZÔNIA

PELO

Dr. Armando Bordalo da Silva

Trabalho lido em sessão pública do Ins-
tituto, dentro do plano de divulgação e
educação por este estabelecido.

SEDE PROVISÓRIA:

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

BELEM—1949

*do pesquisador
Pereira
Armando*
27/9/49

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARÁ

ASPECTOS ANTROPO-SOCIAIS
DA
ALIMENTAÇÃO NA AMAZÔNIA

PELO

Dr. Armando Bordalo da Silva

Trabalho lido em sessão pública do Instituto, dentro do plano de divulgação e educação por este estabelecido.

F. 85
RARO

SÊDE PROVISÓRIA:
MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI
BELEM — 1949

Senhores :

O problema alimentar é um problema demasiadamente complexo para que com proficiência se o esgote a contento. Não tenho, pois, a pretensão de apresentar um trabalho completo, senão de contribuir com um pequeno estudo sobre tão importante tema.

Já tive aliás oportunidade de dizer, tratando deste mesmo assunto, que a complexidade do problema alimentar é tão grande que, se pode dizer, relaciona-se com todos os conhecimentos científicos usuais, chamando, além disso, todas as classes ao concurso de tão magno problema, desde o mais rude homem das praias ou dos campos, das matas ou das cidades, até o poder público e administrativo. A complexidade e a magnitude do problema se explicam porque a alimentação é o fator biológico mais importante da vida. Não há vida sem alimentação.

E' pela alimentação que se transmite ao individuo, e se encadeia no ciclo vital, a energia sob todas as formas. Desde os meados do século XIX, é o ser vivo comparado à máquina, de múltiplas funções, na qual a energia se transforma não somente em força, mas em todas as modalidades conhecidas ou desconhecidas que atribuímos ao poder da energia.

Não reside no entanto só nisso a complexidade do assunto que se manifesta ainda quer na obtenção do alimento, quer muito mais no seu uso adequado e no seu aproveitamento. Por isso encarei o problema alimentar sob o aspecto da obtenção dos alimentos e do seu aproveitamento. Dividi, pois, o presente trabalho em cinco capítulos, nos quais estudo o assunto da seguinte forma:

- Capítulo I** — Aspecto geo-físico da Amazonia : — o solo, o clima e o meio.
- Capítulo II** — Aspecto antro-po-geográfico : — o habitat, o homem e a sua localização em zonas, com seus hábitos e modos de vida.
- Capítulo III** — Aspecto alimentar : — o alimento e a alimentação.
- Capítulo IV** — Aspecto econômico.
- Capítulo V** — Conclusões.

CAPITULO I

ASPECTO GEO - FISICO

Pode-se dizer da Amazônia o que o primeiro enamorado do Brasil, Pero Vaz de Caminha, disse da nova terra: — "e querendo-se aproveitá-la dar-se-á nela tudo".

De fato, o solo da Amazônia não difere essencialmente do de outras grandes zonas que, em similitudes de condições, se encontram por todo o Brasil.

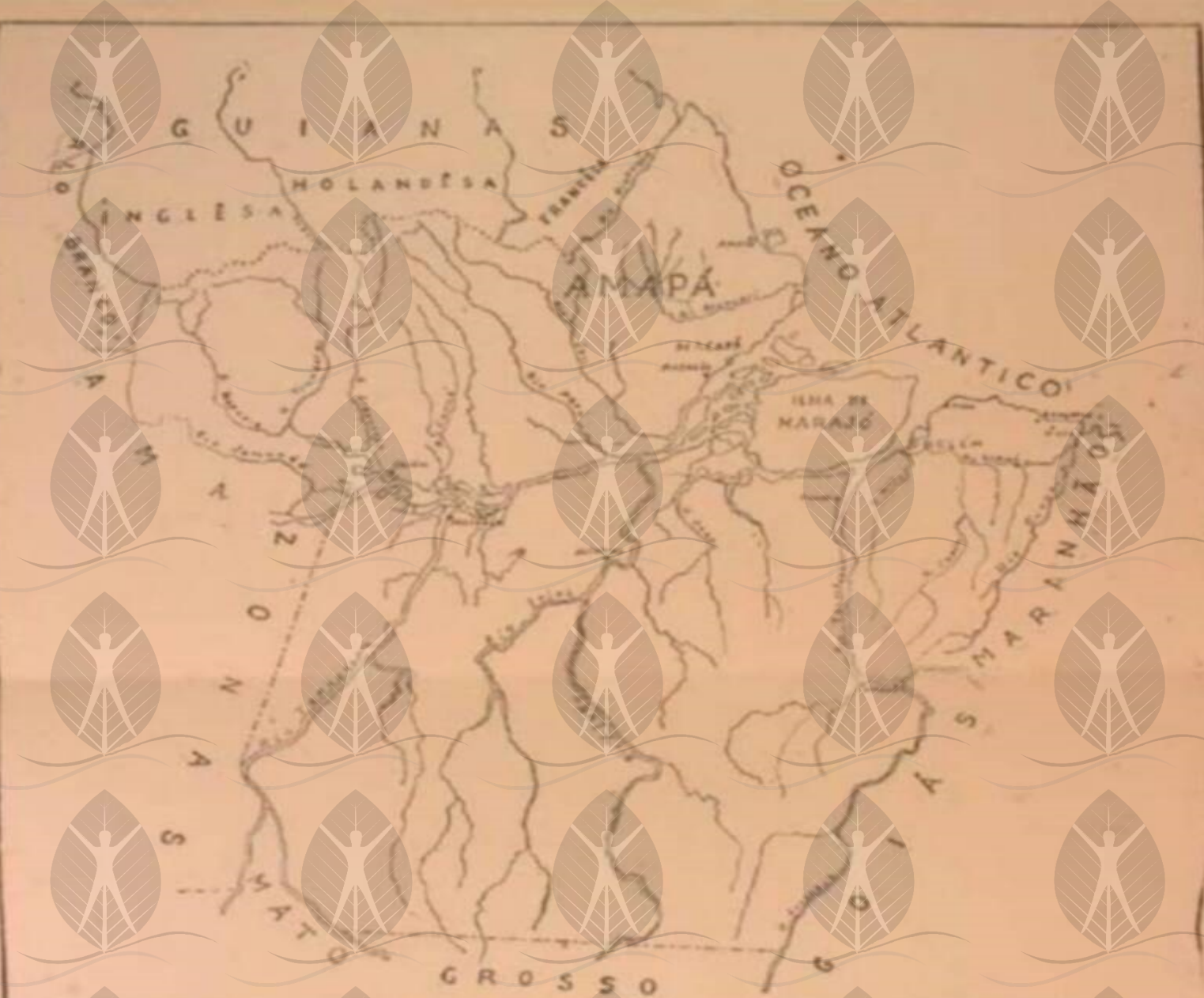
Aqui, é certo, predominam as terras de aluvião, quaternárias, ricas em humus, de formação orográfica, desagregadas dos taludes e altiplanos das cabeceiras superiores dos afluentes do Amazonas. Mas também é certo que essas terras aluvionárias adornando as várzeas e quebradas, recobrimo-as e por elas se espraiando, encobrem no sub-solo ou mais profundamente alhures, terrenos cuja formação está relacionada com os mais velhos do geóide. Assim acontece nesse anfiteatro amazônico, como bem disse Paul Le Cohte.

Do eixo central que é o grande rio, palco de uma vida luxuriante vivida à custa da riqueza do quaternário, o anfiteatro se estende das margens desse palco, em baixo, da planície, em altiplanos e degraus sucessivos, até atingir as cumiadas das formações orográficas das cordilheiras do norte ou do sul. E assim, em plena região tórrida, temos os mais variados aspectos climáticos.

O grande rio, soberbo, imponente, grandioso, escravizou no entanto o homem. Escravizou-o pela prodigalidade, amesquinhou-o pelas distâncias horizontais, sem fim. Assim, o homem, pequenino e impotente ante a grandiosidade da natureza, vem tentando através séculos de luta, dominá-la e desbravá-la.

Muito se tem dito, em prosa e verso, elogiando ou caluniando o solo, o clima e o homem amazônicos. Mas o que se vê, patente e insofismavel, contrariando os seus detratores, é a pujança da vida animal ou vegetal, atestando a excelência do solo e do clima, e, portanto, do meio.

A vida é, no entanto, pujante quando bem alimentada. O meio amazônico entretém pois pujantemente a vida, e nesse meio,



RIO AMAZONAS

ESQUEMA DE UM
CORTE TRANSVERSO AO RIO AMAZONAS

MOSTRANDO COMO O TERRENO SE ALTEIA PARA O NORTE OU PARA O SUL COMO SE PODEE UN INTERESTAR

Escala: 1:100,000

A. Borda

sabendo se alimentar, o homem também poderá ser pujante e forte como a samaumeira na várzea, a castanheira na planície, o jaguar na mata, o pirarucu no rio; e indômito, inteligente e audaz, o rei da criação dominará e desbravará a natureza pródiga que o cerca.

Senhores:

O homem explora, desde o seu aparecimento, elementos provenientes das três grandes fontes naturais: a vegetal, a animal e a mineral e não podemos dizer qual deles é o mais importante, pois se completam para a alimentação natural do homem. Sem o reino vegetal, todavia, não poderia existir o reino animal, pois para se manter perfeito o éo e o equilíbrio do ciclo vital, o reino vegetal desempenha o papel de intermediário, de armazenador e encaminhador da energia cósmica do mundo à vida de todos os animais, especialmente dos animais superiores.

Já em 1930 quando escrevia minha tese de doutoramento, abordava eu comentários a este assunto no Capítulo V do meu trabalho, intitulado "Das vitaminas e das avitaminoses":

"Para o observador que estuda o fenômeno Vida, esta manifestação da Natureza parece ser um dos círculos concêntricos nos quais poderíamos incluir cada ciclo dessas mesmas manifestações.

E, para estudá-lo, teríamos que tomar um ponto de partida no círculo. Tomemos:

O sol, esta inexgotável fonte de energia que diariamente esparge luz por sobre nós, também nos envia, lá da incomensurável distância que nos separa, partículas de sua estrutura, potência de sua energia.

O vegetal, possuindo o heliotropismo, não faz mais que concorrer para que se mantenha perfeita a cadeia dos éos deste ciclo. E as folhas, cujas células estão túrgidas de clorofila, são as receptoras dessa energia, fixando-a, plasmando-a aos seus tecidos.

A força, o calor, a eletricidade e a luz são manifestações, são formas de energia.

O organismo vivo produz força, calor, eletricidade e luz. Por que não, também, a vida, uma forma de energia?

O vegetal fixando a energia, recebendo-a e associando-a às suas proteínas concorreria, para sua própria vida, como estimulante dos atos primordiais das células ou das funções do organismo inteiro e concorreria também para a perpetuação da espécie legando à semente, ao embrião, que ainda na planta, sobre os seus próprios estímulos, se formou, uma partícula desse estímulo, dessa energia.

E, por isso, vemos o milagre de sementes guardadas a milhares e milhares de anos, como as de trigo guardadas nos sarcófagos dos faraós, postas em contacto com os agentes catalizadores externos

ou estimulantes exógenos, crescerem e reverdeceram de novo para a perpetuação da espécie.

De um lado, diretamente, os animais herbívoros; de outro, indiretamente, os carnívoros e omnívoros, receberiam, dos vegetais, a energia primordial e estimulante da vida.

Qual então o complexo molecular encarregado do transporte dessa associação especial da energia, desse estimulante ou matéria prima para a vida?"

Destas considerações, resulta que o incentivo à agricultura, e de um modo particular aos produtos vegetais que servem de alimentação ao homem, é uma necessidade que se impõe. O solo e o clima, fatores de grande importância na agricultura, não devem ser no entanto considerados, como por vezes se pensa, fatores decisivos na escolha ou aproveitamento de determinada cultura.

Os conhecimentos atuais que todas as ciências, em conjunto, fornecem à agricultura, operam verdadeiros milagres de aproveitamento racional do solo e melhoria considerável dos métodos culturais.

Há um exemplo clássico que convém lembrar: — o aproveitamento de uma pequena ilha rochosa, desprovida de vegetação, onde o homem, pela sua técnica audaz, constância e inteligência, conseguiu, se não vencer a natureza, pelo menos domá-la para as suas necessidades. Refiro-me à ilha de Curaçao, que desnuda e abrupta, transformou-se num pomar e num jardim, no mar dos Caraíbas.

Há quem, autóctone ou alienígena, levando em conta o solo e o clima da Amazônia, queira encontrar justificativas no fracasso de certas culturas. No entanto, se realmente solo e clima são fatores de grande importância, não menos verdade é que outros fatores, mais importantes que estes, entram em jogo no sucesso ou insucesso da agricultura.

Três dentre estes podem ser apontados ao lado daqueles dois outros: — primeiro, a adubação racional; segundo, a escolha de uma boa variedade de sementes selecionadas; terceiro, os métodos culturais.

Pela sua importância geo-física e social, vou encarar neste capítulo, apenas um deles: — o processo de adubação.

Na Amazonia persiste um único método de adubação. Ou, melhor dizendo, o solo só por um único processo é enriquecido pelo homem com elementos fertilizantes. Somente pela carbonização e calcinação da madeira se aduba o solo para a agricultura.

Afrânio Peixoto, tratando desse assunto, disse com muita expressão: — "Os portugueses por influência berbere talvez, e até por uma repercussão curiosa e sem filiação com os selvagens brasileiros: foram e são fazedores de desertos. Os portugueses imitaram o

berbere e vieram aqui encontrar a prática aborígene semelhante: a derrubada da mata, a queima e colvára dos últimos resíduos.

Sobre a terra desnuda e seca, a capoeira de mato ralo cresce, resistindo mal às intempéries e a cultura dos mantimentos se rezeva por algumas estações. Em breve é um novo deserto. Para frente! Foi e ainda é este o sistema de cultura nacional. Estes desertos continuam, não porque as condições meteorológicas sejam de todo nefastas, mas porque, digo eu, foi o único método de cultura ensinado ao homem. Em todo o Estado do Pará existe uma exceção, no sistema de adubação da terra. É quando ela se destina ao cultivo do fumo. No município de Bragança e municípios circunvizinhos que cultivam o fumo, é feita a adubação do terreno com o estêrco animal. Talvez seja esta a única exceção.

As grandes áreas húmidas, representadas pelas várzeas dos nossos pequenos e grandes rios, inclusive as do próprio Amazonas, ainda não foram aproveitadas convenientemente. Na região das ilhas do Baixo-Amazonas e Tocantins, o plantio da cana de açúcar é feito nas ilhas alagadas e várzeas marginaes, sendo o terreno antecipadamente preparado pela derrubada e queima dos roçados. Somente agora se esboça, no Estado, um movimento no sentido do aproveitamento dessas várzeas nas culturas de arroz e juta.

Na zona bragantina, que é a zona de maior produção agrícola do Estado, e levando-se em conta aquele método de adubação do nordestino e do caboclo, que somente sabe plantar a sua roça onde a mata fertilizou o solo, verifica-se que a sua implacável destruição fez recuar a orla da mata do eixo da via-férrea, a uma distância que já se conta por dezenas de quilômetros.

Eis como, em razão do solo, em razão do fator alimentar, o homem pôde modificar as condições geo-físicas e pôde criar um novo meio. Eis, porque, uma coisa tão simples, modificando os três fatores, solo, clima e meio, também vem influir poderosamente nas condições sociais e hábitos de vida do homem, como adiante veremos.

É no entanto desta forma que o homem vai criando o seu "habitat" na Amazônia. Nesta Amazônia que é uma "Terra Imatura" como disse Ladisláu, neste "Inferno Verde" de Rangel, nesta "Terra Incógnita" de Hart, nesta terra, enfim, onde o homem chegou sem ser esperado, como disse Euclides da Cunha; mas onde o homem, aborígene ou não, radicando-se ao solo por processos empíricos de agricultura, devastando as matas, aproveitando o solo, vive, e, se vive, se alimenta dele, se aclimata e se aclimatando, vai, bem ou mal, condicionando o seu soma a todos os fatores na formação de características antropobiológicas e sociais, que estigmatizarão o homem amazônico no futuro, no decorrer dos séculos.

CAPITULO II

ASPECTO ANTROPOGEOGRAFICO

O homem na Amazônia vive à margem dos rios e dos lagos, ou nas praias oceânicas e raramente disperso pela floresta.

Na Amazônia a atração pela água não é somente pela necessidade desse líquido elemento. É por uma necessidade alimentar e pela natureza do seu trabalho mais fácil.

A natureza lhe impôs isso porque o seu aspecto fisiográfico é eminentemente fluvial.

A margem dos grandes rios, ou pequenos cursos d'água, qual palafita contemporânea da era atômica, está condensada a população amazônica.

Há uma exceção: é ainda a zona bragantina, onde as condições fisiográficas completamente diferentes da Amazônia propriamente dita, fizeram o homem essencialmente agrícola.

Lá, ele explora os elementos nativos que estão à margem dos grandes rios; aqui, na zona bragantina, o homem explora o solo e por isso mesmo concorrerá com, pelo menos, 3/4 da produção agrícola do Estado.

Mas o homem na Amazônia vai, pouco a pouco, penetrando o interior. Houve época em que a alimentação provinha quase que exclusivamente do rio, ainda porque no rio encontrava o homem a sua principal fonte de trabalho.

A colheita de sementes oleaginosas e a extração da borracha permitiram, por vezes, a penetração na floresta. Mas esta penetração só se realizou mais profundamente quando foi encontrada a castanheira e a procura desse fruto foi o homem se internando mais e mais pela fílela amazônica.

Assim, o homem não mais exclusivamente fascinado pela indústria extrativa do látex, porque também os lucros decresceram consideravelmente, foi obrigado à procura do trabalho e da subsistência internando-se cada vez mais, preso ainda, porém, às margens fluviais, pela alimentação e transportes fáceis. Apesar disso, continua ainda a maior densidade de população à margem dos rios.

Para além, muito além dessas margens, existe o sertão? Não. Na Amazônia não existe sertão, pelo menos, no conceito em que se o tem no nordeste brasileiro.

Para além das margens dos rios existe o "interior", quase deshabitado ou completamente deshabitado, isto porque a sua penetração ainda é temida pelas populações marginais. Há mesmo entre as populações ribeirinhas a crença de que a mata é doçida. Não deixam de ter as suas razões. No rio, nas ilhas marginais, pela enchente das marés ou do próprio rio, há pouco carapanã e conseqüentemente pouco paludismo. Os casos que aparecem são



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



**Secretaria de
Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**